

Proponente: Maria Regina Maluf

Área da Psicologia: Psicologia do Desenvolvimento

### **ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL: CONHECIMENTO E PRÁTICA**

Justificativa: Alfabetização na Perspectiva da Psicologia Cognitiva da Leitura é uma escolha que se justifica pelo fato de que nos últimos 10 anos a ciência cognitiva da leitura se destacou no contexto científico internacional por suas contribuições que vêm permitindo um grande avanço na compreensão e explicação da aprendizagem da linguagem escrita. A literatura estrangeira é abundante nessa área e pesquisas brasileiras se somam a esses estudos. A perspectiva cognitiva nos estudos sobre Alfabetização é a que mais avançou nos últimos anos e se apoia em evidências nas áreas da Psicologia, da Educação e das Neurociências do Comportamento. Controvérsias sobre ensino da linguagem escrita são muito conhecidas e geram enormes confusões entre pais e professores. A relevância do tema da Alfabetização para a educação brasileira fala por si mesma. Este Simpósio pretende contribuir para o debate, criando pontes que possam ampliá-lo, para que possa chegar a professores alfabetizadores, gestores de secretarias de educação, bem como famílias dos alunos. Defendemos neste Simpósio a importância de se oferecer a estudantes e professores uma oportunidade de conhecer a fundo o tema da alfabetização, na perspectiva que é a mais aceita na literatura atual, porque baseada em evidências sobre o ensino e a aprendizagem do sistema alfabético em diferentes idiomas. Alfabetizar com sucesso é um desafio global, enfrentado também pelos países de economia avançada. Na América Latina é crucial, frente às condições de extrema desigualdade de vida da população. O Brasil ainda apresenta uma taxa de cerca de 10% de analfabetismo na população de 15 anos ou mais, o que representa 14,2 milhões de pessoas analfabetas. Essa desigualdade extrema persiste, embora estejam ocorrendo grandes avanços na educação nos últimos 15 anos. Outros dados atuais são encontrados no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Mais de 70% dos municípios brasileiros superaram ou atingiram as metas do desenvolvimento da educação básica referentes aos anos iniciais do Ensino Fundamental para 2007; 97,5% de todas as crianças estão matriculadas nas escolas. As escolas públicas e gratuitas atendem cerca de 80 % das crianças brasileiras. Frequentemente o ensino inicial da linguagem escrita é tratado como questão política e ideológica, sem levar em conta suficientemente as contribuições das pesquisas baseadas em evidências. A questão de saber como ensinar melhor a ler e a escrever é talvez a questão mais politizada na área da educação. Com frequência as discussões levam em conta os aspectos globais da alfabetização, porém não incluem os elementos específicos da aprendizagem da leitura e escrita. O conhecimento dos elementos específicos do ensino e aprendizagem da leitura é mais recente e ainda encontra fortes resistências nos sistemas de ensino dos países latino-americanos, incluído o Brasil. Por seu caráter mais específico e exigente é facilmente confundido com perspectivas teóricas discriminatórias e não populares. Com frequência as explicações mais baseadas em resultados de pesquisa, de valor pedagógico porque demonstram como chegar aos melhores resultados, são abandonadas em benefício de outras que prometem resultados mais fáceis e são aceitas como mais atraentes, porém são desmentidas pela prática que mostra que não dão bom resultado. As pesquisas a respeito da linguagem escrita avançaram muito, mas permanecerão estéreis se seus resultados não atingirem a prática dos professores alfabetizadores. A Psicologia Cognitiva da leitura mostra como a escrita codifica os sons da fala e como diferentes níveis de controle cognitivo coexistem nos tratamentos linguísticos presentes na oralidade. Esses níveis de tratamento cognitivo vão desde os mais precoces e espontâneos encontrados nas crianças em idade pré-

escolar até aqueles autocontrolados que aparecem fundamentalmente na idade escolar, quando a criança é colocada em situação de aprendizagem sistemática da linguagem escrita. Os sistemas de escrita, mesmo os ideográficos como os hieróglifos (diferentemente das formas arcaicas de produção de notações que se limitaram a listas de objetos e significados, como as escritas pictográficas), desde seu surgimento incluíram em seus signos a representação de sons da fala. Hoje escrevemos em sistemas alfabéticos que usam sinais para representar sons. Sendo um sistema de escrita fonográfica, a escrita em português depende diretamente dos elementos sonoros da língua para poder ser decifrada e lida. É mais transparente do que o inglês ou o francês. As escritas alfabéticas, como é o caso do português do Brasil, baseiam-se em regras de notação, que têm como primeira finalidade expressar os sons da fala utilizando combinações entre as letras da base alfabética. Compreender que letras representam sons e que combinações de letras formam palavras (que podem ou não ter significado) é o primeiro passo para compreender o princípio alfabético de escrita. Essa compreensão não resulta de simples descoberta; ela é o resultado de uma descoberta que só ocorre com a mediação do ensino. Pesquisas recentes no campo da Psicologia Cognitiva da Leitura fornecem numerosas evidências de ser esse o caminho mais rápido e eficiente para ensinar a ler e escrever. Já no início do século XX, psicólogos e educadores se referiram ao espaço reduzido que a preocupação com a escrita ocupava nas práticas escolares, se comparada ao importantíssimo papel que ela tem no desenvolvimento social da criança. Parece ser ainda verdadeiro em nossos dias, que alguns estudiosos e práticos da alfabetização têm dificuldade para compreender que a linguagem escrita é um sistema específico de símbolos e signos cujo domínio marca um momento crítico fundamental no processo de desenvolvimento e escolarização inicial da criança. A Psicologia Cognitiva da Leitura à qual nos referimos coloca em primeiro plano o fato de que o aprendiz da linguagem escrita já dispõe de uma linguagem receptiva e expressiva. Ele a utiliza de forma espontânea e tem um conhecimento implícito de sua estrutura e constituição. Para aprender o código alfabético que lhe permitirá ler e escrever na mesma língua falada, deverá passar para um novo plano no uso da língua, ou seja, refletir sobre ela, tomar consciência de seus vários aspectos. Em outras palavras, deverá adquirir um conhecimento explícito, que se expressa em habilidades metalinguísticas, ou seja, em diversas habilidades de manipulação da língua falada.

Coordenador: Maria Regina Maluf

**SIGNIFICADO E IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES METALINGUÍSTICAS E DA INSTRUÇÃO FONOLÓGICA: REVENDO A LITERATURA.** Maria Regina Maluf (PUCSP) e Maura Spada Zanella (AEDU).

A relação entre habilidades metalinguísticas e aprendizagem da linguagem escrita vem sendo alvo de numerosos estudos na atualidade. Esta apresentação analisa o estado da questão considerando o que diz a literatura brasileira e a estrangeira, sobre relações entre as habilidades metalinguísticas e a alfabetização em sistemas de escrita alfabética em diferentes idiomas. É dada especial atenção à aprendizagem da linguagem escrita em idiomas relativamente opacos como o inglês e o francês, e idiomas mais transparentes, como é o caso do português e do espanhol. São ressaltadas as diferenças e as semelhanças no processo de aprender a ler e escrever que tem no seu início a compreensão do princípio alfabético da escrita. A análise da literatura mostra que os estudos nessa perspectiva teórica designada como Psicologia Cognitiva da Leitura vêm aumentando de modo contínuo e em diferentes idiomas, sugerindo ser esse o enfoque teórico que reúne as evidências mais rigorosas e mais abundantes. Sugere também a conveniência e a necessidade de fazer distinções entre uso de

métodos mais ou menos ortodoxos e a assunção de princípios teóricos baseados em evidências científicas, sendo esta segunda vertente a mais recomendada. A instrução fonológica vem sendo aceita com crescente regularidade como fundamental para facilitar a aprendizagem da linguagem escrita em sistemas alfabéticos. Outras habilidades metalinguísticas também aparecem como relacionadas ao processo de alfabetização inicial. No Brasil a literatura aponta que as pesquisas mais numerosas se situam na área das habilidades metafonológicas, mas incluem também resultados sobre outras habilidades metalinguísticas como são as metassintáticas e a metatextual. Pesquisas de intervenção experimental começam a surgir e trazem novos resultados para o debate nessa área de fundamental importância para a educação e o desenvolvimento do País. A literatura sugere também o distanciamento entre os enfoques teórico-metodológicos que sustentam as pesquisas e suas implicações na prática e aponta para as necessárias relações com as políticas públicas na área da alfabetização. É dada especial atenção à necessidade de políticas públicas voltadas para o ensino das crianças nos anos pré-escolares, bem como à alfabetização de adultos, sendo esta uma prevalente questão na história da educação brasileira. Conclui-se pela necessidade e importância da disseminação do conhecimento disponível, oferecendo aos professores alfabetizadores, bem como a estudantes e pesquisadores da área, oportunidades de conhecer a fundo o tema da alfabetização, na perspectiva que vem a ser, atualmente, a mais aceita na literatura internacional e que está baseada nos avanços da ciência da leitura. Conclui-se também pela necessidade de iniciativas que favoreçam o diálogo entre a teoria e a prática nesse campo fundamental da educação brasileira.

2º Apresentador: Cláudia Cardoso-Martins

**UMA AVALIAÇÃO LONGITUDINAL DA HIPÓTESE SILÁBICA.** Claudia Cardoso-Martins (Universidade Federal de Minas Gerais) e Tatiana Cury Pollo (UFSJ).

De acordo com o modelo de E. Ferreiro, o desenvolvimento da escrita pode ser descrito em termos de três estágios principais: pré-silábico, silábico e alfabético. O estágio silábico é assinalado por escritas em que o número de letras corresponde ao número de sílabas na pronúncia das palavras (e.g., a escrita XYZ para a palavra cavalo) e, segundo Ferreiro, constitui a primeira manifestação da compreensão de que a escrita representa a fala. A despeito de sua enorme popularidade no Brasil, o modelo de Ferreiro, sobretudo sua caracterização das chamadas escritas silábicas como um marco importante no desenvolvimento da escrita, tem sido questionado. Por exemplo, alguns pesquisadores, como Cardoso-Martins e Pollo, têm argumentado que as escritas silábicas são muito raras e, como tal, dificilmente poderiam caracterizar um estágio especial no desenvolvimento da escrita. Uma limitação desses estudos é que as avaliações da escrita foram espaçadas por intervalos relativamente longos, o que pode ter dificultado a observação de escritas silábicas. Além disso, uma vez que a classificação de uma criança como silábica não levou em consideração o número de escritas silábicas que seria esperado ao acaso, é possível que esses estudos tenham subestimado o número de crianças silábicas. O presente estudo foi concebido com o objetivo de superar essas limitações. Participaram do estudo 50 crianças matriculadas em classes da educação infantil de escolas particulares. Sua idade no início do estudo era, em média, quatro anos. O estudo foi longitudinal e a escrita das crianças foi avaliada a cada três meses, por um período de aproximadamente 18 meses. Os resultados mostraram que 12 das 50 crianças apresentaram um número maior de escritas silábicas do que seria esperado por acaso, em pelo menos uma ocasião ao longo do estudo. Esse número é maior do que o que seria esperado com base nos estudos anteriores, sugerindo que esses estudos, de fato, subestimaram o número de crianças silábicas. Contudo, como esse número também revela, a imensa maioria das crianças

aparentemente não passou pelo estágio silábico no decorrer do estudo. Além disso, nossos resultados questionam a interpretação que Ferreiro oferece das escritas silábicas. Por exemplo, ao contrário do que seria esperado com base nessa interpretação, escritas silábicas com letras arbitrárias foram raramente observadas. Ao invés disso, as letras nas escritas das crianças classificadas como silábicas correspondiam frequentemente a letras cujos nomes podiam ser detectados na pronúncia das palavras. Finalmente, as escritas das crianças classificadas como silábicas foram frequentemente precedidas de escritas não-silábicas em que as letras representavam sons na pronúncia das palavras, ainda que de forma rudimentar (e.g., DVUA para dedo). Tomados em conjunto, esses resultados sugerem que, ao invés de estágios caracterizados por transformações conceituais bruscas, o desenvolvimento da escrita é mais adequadamente descrito em termos de mudanças contínuas e graduais na habilidade de a criança detectar segmentos fonológicos na pronúncia das palavras e conectar esses segmentos aos segmentos ortográficos apropriados.

3º Apresentador: Alina Galvão Spinillo

#### **DESENVOLVENDO A LINGUAGEM ESCRITA A PARTIR DA CONSCIÊNCIA METALINGÜÍSTICA.**

Alina Galvão Spinillo (Universidade Federal de Pernambuco).

O fim último da alfabetização é tornar as crianças usuárias competentes da linguagem escrita de modo que sejam capazes de dominar o sistema de representação do português e assim, compreender e produzir textos escritos. Embora tenha como função primária ser um objeto de comunicação, a linguagem escrita, no contexto escolar, é considerada um objeto de ensino; e como tal, torna-se, também, objeto de reflexão, passando a ser ela própria o foco de atenção deliberada por parte do indivíduo; no caso, da criança na condição de aprendiz. Esta atividade de natureza recursiva é denominada atividade metalingüística, e permite que o indivíduo trate a linguagem escrita como um objeto cujas características podem ser examinadas a partir de um monitoramento intencional, que exige um distanciamento em relação a seus usos e uma aproximação da forma em que ela se apresenta. Ao explicitamente focalizar sua atenção na linguagem em seus diversos níveis (do fonema ao texto), o indivíduo torna-se capaz de analisá-la e manipulá-la. No caso da compreensão e da produção de textos a capacidade de refletir sobre a linguagem é fundamental. Como exemplo da importância desta questão para a alfabetização e também como exemplo da possibilidade de se gerar situações de ensino que levem as crianças a se tornarem melhores leitoras e produtoras de textos são discutidos dois estudos de intervenção. O primeiro volta-se para o desenvolvimento da compreensão de textos (Estudo 1) e o segundo para o desenvolvimento da produção escrita de textos (Estudo 2), ambos realizados com crianças alunas do ensino fundamental. Em ambos os estudos adotou-se um planejamento experimental típico de pesquisas de intervenção, tendo grupos experimentais e de controle, assim como diferentes momentos de testagem (pré-teste e pós-testes). No Estudo 1 (compreensão de textos), a intervenção proporcionada ao grupo experimental se caracterizava por um conjunto de atividades que envolviam tanto a tomada de consciência por parte das crianças acerca da origem das inferências como uma reflexão sobre informações textuais. No Estudo 2 (produção escrita de textos) a intervenção propiciada ao grupo experimental se caracterizava por atividades de natureza metatextual em que as crianças identificavam, refletiam e analisavam os componentes estruturais, a organização e as convenções linguísticas próprias de histórias. Em ambos os estudos, não foram identificadas diferenças significativas entre os grupos controle e experimental no pré-teste. Contudo, no pós-teste, o grupo experimental teve um desempenho significativamente superior ao do grupo controle, sendo aquelas crianças as que efetivamente melhoraram a compreensão de textos



do pré para o pós-teste no Estudo 1, e as únicas que avançaram na escrita de textos no Estudo 2. De modo geral, os dados mostraram que a intervenção nas duas investigações teve um papel facilitador sobre a compreensão e sobre a produção escrita de textos. Implicações educacionais são discutidas em termos de práticas de ensino da linguagem escrita que forneçam um tratamento linguístico ao texto escrito e não apenas funcional (situações de uso)